



O negro na escola

ANA CÉLIA DA SILVA

Na África, Ásia e Américas, em todos os lugares invadidos pelo colonizador, a inferiorização da cultura e da civilização dos donos da terra constituiu-se em estratégia de dominação, com o objetivo de fragmentar a identidade e anular a auto-estima. O colonizador apresentando-se como o modelo ideal da raça humana impôs o seu processo civilizatório como o único, inferiorizando os demais.

A verdade sobre a inferiorização imposta à alteridade é negada, ocultada, porque é um perigo desmistificá-la para as classes dominantes. Os oprimidos com identidade e auto-estima reconstruídas iriam reivindicar respectivamente respeito à sua

alteridade e os direitos civis que lhes são negados.

A que conduz a introjeção da inferioridade de si próprio e dos seus valores?

Analisando as conseqüências da inculcação da inferioridade no negro, F. Fanon (1983) diz: "... na Martinica, fora algumas exceções, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal do antilhano resulta da situação cultural. Há uma constelação de dados, uma série de proposições que lenta e sutilmente, graças a obras literárias, jornais, educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, ao rádio, penetra no indivíduo e constitui a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence. Nas Antilhas essa visão de mundo é branca, porque não existe nenhuma expressão negra".

No Brasil, a ideologia da inferiorização, utilizando os mesmos instrumentos que os das Antilhas, atua de forma sistemática sobre o negro, a mulher, os operários, dentre outros. A escola, instituição que nega todo o patrimônio cultural negro e dos demais segmentos oprimidos, talvez seja a maior veiculadora dos valores dominantes brancos. A socialização de criança e jovem negros, construída a partir dos valores brancos em detrimento dos próprios, parece ser um dos principais fatores da sua baixa estima e auto-rejeição.

A negação, a distorção, a inferiorização do patrimônio histórico e cultural do povo negro produzem o aparente desinteresse do aluno por um ensino que não reflete a sua imagem de forma positiva, seu cotidiano e seu contexto social. O desinteresse, a apatia, a agressividade do aluno negro, a repelência e a evasão podem ser formas de reação a essa escola que o humilha.

A respeito da escola que oculta o patrimônio cultural do povo negro, Petronilha Silva (1983) evidencia que ela "ensina a criança negra a não aceitar a cor da sua pele, os seus atributos descritivos, a história do seu povo, a não querer ser negra. A criança negra, para vencer na escola, tem que se fazer à imagem do branco, adaptar-se aos valores do branco. O sentar-se no fundo da sala de aula com os irmãos de 'raça', ser rebelde, desatento, é uma forma de reagir contra a imposição do esfacelamento da sua identidade como pessoa negra".

Desmistificar a ideologia da inferiorização, identificá-la nas instituições oficiais, na escola, nos livros didáticos e outros materiais pedagógicos, bem como discutir formas de reverter esse processo de dominação via inferiorização constitui a meta dos educadores do movimento negro em todo o Brasil que trabalham para que esta também seja uma das metas de todos os educadores brasileiros.

Referências bibliográficas

- Fanon, Frantz — Pele negra, máscaras brancas, Rio de Janeiro, Faper, 1982.
 Silva, Petronilha Beatriz G. — A identidade da criança negra na educação escolar, Porto Alegre, 1983 (mimeo).
 Silva, Ana Célia C. — A discriminação do negro no livro didático. Conselho Editorial Didático da UFEA, Salvador-BA, 1994 (no prelo).

■ Ana Célia da Silva é professora da Faecob/Uneb e integra o Núcleo de Educação Pluricultural — NEP —, da Uneb.

É no sabor dessa perspectiva pluricultural de educação que retomamos a dimensão histórica de Palmares, 300 anos depois, procurando sublinhar aspectos que contribuem para arguir e que inauguram um novo continente teórico-epistemológico capaz de dar qualidade à educação brasileira. Palmares pulsa e vive no século XX não mais como extensão territorial que compreendia matas, o sertão de Pernambuco, a costa de Alagoas, o interior de Sergipe e da Bahia. Tempos contemporaneamente um Palmares simbólico reelaborado ao longo desses séculos, adaptando e reestruturando novas estratégias de insurgência que incorporam o espaço urbano, industrial, moderno e neocolonial.

Tudo em função de dar continuidade e afirmar os valores do patrimônio africano nas Américas, através de várias ações que têm por seqüência a luta pelo existir. Não é Palmares militarmente organizado, mas aquele que se caracteriza por empreender, através de instituições que se desdobram da tradição africana, formas e valores alternativos ao Estado oficial capazes de promover a coesão social. Pensar Palmares como tendo uma dinâmica propulsora que comunica e esclarece os valores civilizatórios de uma importante parcela da nação brasileira, e que luta para se integrar e ser reconhecida na sociedade global, é uma atividade fascinante e sedutora para qualquer educador preocupado em arrefecer as tensões entre o Brasil real e o Brasil Oficial.

NOTAS: 1) Luz, Marco Aurélio, Do Tronco ao Opa Exin, Salvador, Edições SECNEB, 1993, p. 28
 2) Op. cit. p. 25

■ Narcimária C. P. Luz é professora da Faculdade de Educação da Uneb e cumpre Doutorado em Educação na UFPA. Artigo elaborado para compor o evento Palmares Hoje (Uneb 1994).



Ilustrações: grafismos elaborados por crianças da Mntcomunidade Obá Být-Secneb, recolhidos por Narcimária C. P. Luz.